



Revista EaD &
tecnologias digitais na educação

Desafios e Perspectivas da Pedagogia Crítica na Era Digital: uma reconfiguração freiriana do papel docente

Fladimir Pinheiro Porto (IFRS)

<https://orcid.org/0009-0005-7463-7076>

fladimirp@gmail.com

Josiane Carolina Soares Ramos Procasko (IFRS)

<https://orcid.org/0000-0001-7223-6889>

josiane.procasko@poa.ifrs.edu.br

Resumo: Este trabalho investiga o impacto das tecnologias na prática docente e a reconfiguração do papel do professor na era digital. Com abordagem qualitativa e exploratória, analisa como os princípios da pedagogia crítica de Paulo Freire podem ser integrados ao ambiente digital, preservando o desenvolvimento crítico e autônomo dos alunos. Além de Paulo Freire a análise inclui autores como António Nóvoa, Zygmunt Bauman e Byung-Chul Han. Ressalta-se a necessidade de novas competências docentes, como a alfabetização digital e adaptação de conteúdos, enfrentando desafios éticos. Conclui-se que a integração tecnológica deve ser realizada de forma crítica e reflexiva, preservando a autonomia e o pensamento crítico tanto de estudantes quanto de docentes, enquanto se enfrenta a precarização do trabalho docente e as pressões do contexto digital.

Palavras-chave: Pedagogia crítica. Tecnologia educacional. Formação docente.

Abstract: This paper investigates the impact of technologies on teaching practice and the reconfiguration of the teacher's role in the digital age. Using a qualitative and exploratory approach, it analyzes how the principles of Paulo Freire's critical pedagogy can be integrated into the digital environment, preserving the critical and autonomous development of students. In addition to Paulo Freire, the analysis includes authors such as António Nóvoa, Zygmunt Bauman and Byung-Chul Han. The need for new teaching skills, such as digital literacy and content adaptation, is highlighted, facing ethical challenges. It is concluded that technological integration must be carried out in a critical and reflective manner, preserving the autonomy and critical thinking of both students and teachers, while facing the precariousness of teaching work and the pressures of the digital context.

Keywords: Critical pedagogy. Educational technology. Teacher training.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as inovações tecnológicas têm provocado transformações profundas em diversas áreas, e a educação não é exceção. Se no passado o educador era visto, em muitos casos, como o único detentor do saber, hoje ele é desafiado a se posicionar como mediador crítico, orientando os estudantes em meio a um vasto mar de informações disponíveis em formatos digitais diversos.

Essa transição para um ambiente educacional digitalizado traz consigo inúmeras possibilidades, mas também impõe desafios significativos. A prática docente precisa ser constantemente reavaliada para atender às novas demandas de uma sociedade em rápida transformação. Mais do que dominar as ferramentas tecnológicas, o professor deve desenvolver competências que lhe permitam utilizar essas ferramentas de maneira a enriquecer a experiência educacional, evitando que o ensino se torne uma simples transmissão de dados, sem profundidade ou significado.

Entretanto, a digitalização da educação não é um processo isento de riscos. A presença constante da tecnologia no ambiente de ensino pode levar a uma educação despersonalizada, onde o excesso de informações e a busca incessante por resultados rápidos acabam por esvaziar o sentido pedagógico das interações entre professores e alunos. Nesse contexto, torna-se crucial preservar valores fundamentais, como a autonomia e o pensamento crítico, que são essenciais para o desenvolvimento integral dos estudantes.

Este artigo pretende examinar como essas transformações impactam a profissão docente, explorando as implicações éticas e a reconfiguração do papel do professor na era digital. A partir de uma análise crítica da literatura existente, busca-se compreender como os princípios pedagógicos tradicionais podem ser integrados ao contexto digital, promovendo uma educação que, mesmo em um ambiente tecnologicamente avançado, continua a priorizar o desenvolvimento crítico e autônomo dos alunos.

2 METODOLOGIA

Este estudo foi realizado com o objetivo de investigar o papel do professor na era digital, utilizando uma revisão de literatura sistemática, centrada na análise crítica de obras e artigos acadêmicos. A pesquisa foi conduzida em bases de dados renomadas, incluindo a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), SciELO, Google Scholar, e o Portal de Periódicos CAPES.

Os descritores utilizados para a busca foram: Paulo Freire, trabalho docente, tecnologia digital, ética, António Nóvoa e profissão professor. Os critérios de busca incluíram a análise de títulos, resumos e descritores em português, publicados entre 2010 e 2024. Foram encontrados, ao todo, 258 estudos, dos quais 17 foram selecionados para análise aprofundada. Estes artigos foram escolhidos com base nos critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos, que consideraram a relevância teórica e prática das publicações para o tema em questão.

Os critérios de inclusão englobam textos que tratassem das transformações no papel do professor em face das tecnologias digitais, com especial ênfase nos trabalhos que discutem as implicações éticas e as práticas pedagógicas associadas. Também foram incluídas obras que exploram os conceitos de Paulo Freire em um contexto digital. Foram excluídos estudos que focam apenas em análises técnicas de ferramentas digitais, sem relação direta com a prática pedagógica ou que não apresentassem uma perspectiva crítica sobre o tema.

Quadro 1 – Bases de Dados e Critérios de Pesquisa

| Base de Dados | Descritores Utilizados | Período de Publicação | Critérios de Busca | Total de Estudos Encontrados | Total de Estudos Selecionados |
|----------------|--|-----------------------|--------------------|------------------------------|-------------------------------|
| BDTD | Paulo Freire + tecnologia + ética | 2010-2024 | todos | 4 | 2 |
| Google Scholar | Paulo Freire + trabalho docente + tecnologia | 2010-2024 | todos | 5 | 3 |
| SciELO | Paulo Freire + tecnologia | 2010-2024 | idioma português | 19 | 2 |
| CAPES | Paulo Freire + tecnologia | 2010-2024 | todos | 200 | 7 |
| CAPES | António Nóvoa + profissão professor | 2010-2024 | todos | 30 | 2 |

Fonte: Elaborado pelos próprios autores.

A seleção final priorizou textos sobre o impacto das tecnologias digitais no trabalho docente e suas implicações éticas, destacando autores como António Nóvoa, Zygmunt Bauman e Byung-Chul Han, que fornecem base teórica para entender os desafios da educação contemporânea. A análise identificou mudanças no trabalho dos professores, integrando teoria e prática.

Parte do artigo aborda Paulo Freire e suas obras "Pedagogia do Oprimido" e "Pedagogia da Autonomia", que defendem uma educação emancipadora e dialogal, contrastando com a digitalização e mercantilização da educação. A pesquisa analisou como seus princípios podem ser aplicados na era digital para promover autonomia e pensamento crítico.

Focada no contexto educacional brasileiro, a revisão de literatura é abrangente, mas as conclusões refletem as interpretações dos autores estudados.

3 REVISÃO DE LITERATURA

A prática docente na era digital está sendo impactada pela evolução tecnológica, demandando uma reconfiguração no papel dos professores e adaptação às novas exigências educacionais. Não se trata apenas de integração de tecnologias, mas de manter a dimensão humana e crítica do ensino. Para tanto, autores como António Nóvoa, Zygmunt Bauman, Byung-Chul Han e Paulo Freire são referências neste estudo.

Nóvoa destaca a necessidade de uma formação continuada que promova competências tecnológicas sem comprometer valores éticos e a autonomia profissional. Bauman analisa como a modernidade líquida e as tecnologias intensificam as pressões sobre os professores, levando à precarização e despersonalização do processo educacional.

Han complementa com sua crítica à sociedade do cansaço, onde os professores são transformados em "empreendedores de si mesmos", pressionados a se adaptar às tecnologias sem suporte adequado.

Paulo Freire, por sua vez, oferece um contraponto à desumanização, defendendo uma educação dialógica e emancipadora. Integrar seus princípios ao contexto digital é reinterpretar as práticas pedagógicas para criar condições de produção crítica e colaborativa de conhecimento. A ética freiriana destaca a importância de manter uma postura crítica diante das ferramentas digitais, usando-as para promover diálogo e emancipação, não controle.

Assim, o estudo revela a convergência entre preocupações com a precarização docente e a necessidade de práticas pedagógicas emancipadoras. A reconfiguração do papel docente na era digital exige um compromisso com a humanização da educação, conforme propõem Nóvoa e Freire.

4 O PAPEL DO PROFESSOR NA ERA DIGITAL: DESAFIOS, CONFIGURAÇÕES E EXIGÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS

No mundo atual, a figura do professor enfrenta desafios e transformações significativas em sua profissão devido à rápida evolução das tecnologias digitais, das novas relações sociais e de trabalho que se formaram ao longo do tempo. A era digital (Diniz; França, 2023) marcada pela presença constante de dispositivos tecnológicos e pelo excesso de informações (Han, 2015), exige dos profissionais da educação uma adaptação constante não apenas aos novos meios de ensino, mas também às mudanças nas dinâmicas sociais e culturais que afetam o processo educativo (Costa; Beviláqua; Fialho, 2020).

O papel do professor, tradicionalmente visto como o detentor do conhecimento e responsável pela transmissão de saberes, tem sido reconfigurado (Dantas; Rufino; Nakamoto, 2022). Na era digital, o professor é desafiado a se posicionar não mais como o único detentor do conhecimento, mas como um mediador e facilitador do aprendizado (Costa; Beviláqua; Fialho, 2020). Isso se deve ao acesso quase ilimitado a informações proporcionado pela internet e outras tecnologias digitais.

No entanto, como aponta Paulo Freire (1996), a função do educador vai além da simples transmissão de conteúdo, incluindo a mediação crítica que capacita os alunos a interpretar e utilizar a informação de maneira consciente e crítica (Batista; Onófrio, 2020).

A digitalização do ambiente educacional impõe ao professor a necessidade de desenvolver novas competências e habilidades (Blikstein, 2016). Entre essas, destacam-se a alfabetização digital, o uso pedagógico das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), e a capacidade de adaptar conteúdos para diferentes plataformas digitais (Dantas; Rufino; Nakamoto, 2022). O sucesso do processo educacional na era digital está fortemente vinculado à capacidade do professor de integrar essas tecnologias ao currículo de forma crítica e reflexiva.

Outra dimensão importante a ser considerada é o impacto das condições de trabalho dos professores na era digital (Oliveira; Silva, 2022). O aumento das demandas tecnológicas, associado ao contexto de precarização do trabalho docente, tem gerado efeitos negativos na saúde mental e física dos educadores (Dantas; Rufino; Nakamoto,

2022). O excesso de horas dedicadas a atividades relacionadas ao ensino remoto, a falta de infraestrutura adequada, e o aumento das exigências burocráticas têm levado ao aumento dos níveis de estresse e esgotamento entre os professores (Oliveira; Silva, 2022).

Esse cenário reflete o que Byung-Chul Han (2015) descreve como sendo uma “sociedade do cansaço”, onde a pressão pela produtividade constante resulta em desgaste emocional e físico:

Handke projeta uma religião imanente do cansaço. O “cansaço fundamental” suspende uma individualização egológica, fundando uma comunidade que não precisa de parentesco. Nela desperta um compasso especial que leva a um mútuo acordo, a uma proximidade, a uma vizinhança sem qualquer vínculo familiar ou funcional: “Um certo alguém cansado como um outro Orfeu, ao redor do qual se reúnem os animais selvagens, que finalmente podem ser cocansados junto com ele. O cansaço dá o compasso ao indivíduo disperso”. Aquela “sociedade pentecostal” que inspira ao não fazer se contrapõe à sociedade ativa. Ele a imagina “através do banco cansado”. É uma sociedade dos cansados em sentido específico. Se a “sociedade pentecostal” fosse sinônimo de sociedade futura, a sociedade por vir poderia chamar-se então sociedade do cansaço. (Han, 2015, p.40-41)

As instituições educacionais têm tentado responder a esses desafios através da oferta de formações continuadas e da implementação de políticas de apoio ao professor (Nóvoa, 2022). Contudo, essas iniciativas muitas vezes são insuficientes frente às mudanças ocorridas no trabalho docente e às diferentes realidades enfrentadas em sala de aula pelos professores (Dantas; Rufino; Nakamoto, 2022). A formação docente na era digital, portanto, requer não apenas a aquisição de novas habilidades tecnológicas, mas também um suporte institucional que considere as condições de trabalho e o bem-estar dos educadores (Assis; Farbiarz, 2020).

A era digital trouxe transformações profundas na prática docente, exigindo uma reconfiguração do papel do professor enquanto trabalhador e profissional da educação. Além das habilidades técnicas, é fundamental que se considere a saúde e o bem-estar dos professores para garantir uma educação de qualidade na contemporaneidade. E, é necessário destacar, a necessidade constante da humanização (Freire, 1996) do fazer docente na era digital.

5 A TRANSFORMAÇÃO DO SER PROFESSOR NA ERA DIGITAL: RESPONSABILIDADES EMANCIPADORAS.

Na era digital, o professor deverá assumir um papel multifacetado e desafiador, será preciso transcender a mera transmissão de conhecimento, o professor se posicionará como mediador, orientador e, sobretudo, como um trabalhador essencial no processo de formação crítica e emancipadora dos alunos (Silva, 2023). Essa forma de pensar o papel desempenhado pelo docente não é nova, Paulo Freire (1996) aborda o caráter emancipador, humanizador e político do professor em sua obra *Pedagogia da Autonomia*:

O que me interessa agora, repito, é alinhar e discutir alguns saberes fundamentais à prática educativo-crítica ou progressista e que, por isso mesmo, devem ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente. Conteúdos cuja compreensão, tão clara e tão lúcida quanto possível, deve ser elaborada na prática formadora. É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (Freire, 1996, p.13)

A docência, portanto, é marcada por uma profunda responsabilidade ética e social, onde o educador deve constantemente adaptar suas práticas pedagógicas para responder às demandas de um mundo em constante transformação (Bauman, 2001). Neste contexto, a educação deixa de ser um ato de mera instrução para se tornar um processo colaborativo de construção de conhecimento (Freire, 1996), onde o professor é, simultaneamente, aprendiz e mentor:

É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido. (Freire, 1996, p.25)

Como trabalhador da educação, o professor enfrenta desafios que vão além da sala de aula tradicional (Silva, 2023). A precarização do trabalho docente, a desvalorização profissional e a sobrecarga de tarefas administrativas são apenas alguns dos obstáculos que dificultam a organização e a autonomia do educador (Dantas; Rufino; Nakamoto, 2022). Ao mesmo tempo, a necessidade de dominar novas tecnologias e plataformas digitais impõe uma atualização constante, muitas vezes sem o devido suporte institucional (Oliveira; Silva, 2022).

Essa realidade exige que o professor desenvolva uma resiliência não apenas para lidar com as adversidades cotidianas, mas também para manter viva a sua própria profissão, essa complexidade é expressa por Freire e Guimarães (2013), ainda que em outro contexto tecnológico, conforme podemos ver nesse diálogo presente na obra *Educar com Mídia, Novos Diálogos Sobre Educação*:

Sérgio: Mas que isso confunde a cabeça das pessoas, isso confunde, não? Porque, veja bem: se dentro de uma escola concreta já era difícil você levar a cabo sua tarefa de educador, de professor, num mundo onde as comunicações não iam tão rápido, com tanta e tão variada substância, imagine agora você dentro dessa escola, com problemas parecidos aos anteriores, problemas internos à escola, mas acrescidos, ainda, de uma realidade dos meios que praticamente invadem a escola por todas as janelas e portas! No meu entender, o papel do professor nessa escola se vê, de certa maneira, sobrecarregado ao se acrescentar uma realidade nova dos meios de comunicação; isso implica uma revisão do papel anterior, não?

Paulo: Claro! Inclusive no sentido de o professor se atualizar. O uso dos meios, de um lado, desafia, mas, de outro, possibilita uma amplitude da criatividade dele e do educando. O problema é que as escolas estão sempre muito atrasadas com relação ao uso da tecnologia, dos instrumentos, por N razões, até por falta de verba, em países como o nosso. (Freire; Guimarães, 2013, p.54)

6 DESAFIOS ÉTICOS DA PROFISSÃO PROFESSOR NA ERA DIGITAL.

No cenário digital, os desafios éticos enfrentados pelos professores se intensificam (Nóvoa, 2022). A privacidade dos alunos, a equidade no acesso à educação e a qualidade das interações online são questões centrais que requerem uma reflexão ética aprofundada (Diniz; França, 2023).

A migração para o ambiente digital, acelerada pela pandemia de COVID-19, trouxe à tona a desigualdade no acesso a recursos tecnológicos (Costa; Beviláqua; Fialho, 2020), expondo a fragilidade de sistemas educacionais que não estão preparados para lidar com essa nova realidade.

Neste contexto, o professor é confrontado com a difícil tarefa de garantir que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de aprendizagem, independentemente de sua condição socioeconômica (Duque; Maravalhas; Placido; Santos; Joerke; Monteiro; Oliveira; Hansel; Eccard; Januário, 2023).

O uso de tecnologias de vigilância (Han, 2015), como câmeras e softwares de monitoramento, levanta preocupações sobre a privacidade e a autonomia tanto de alunos quanto de professores. A educação, que deveria ser um espaço de liberdade e expressão, corre o risco de se tornar um ambiente de controle e padronização (Costa; Beviláqua; Fialho, 2020), onde a criatividade e a individualidade são sacrificadas em prol de métricas de desempenho, conforme nos alerta o autor Byung-Chul Han:

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias de fitness, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos. Nesse sentido, aqueles muros das instituições disciplinares, que delimitam os espaços entre o normal e o anormal, se tornaram arcaicos. A analítica do poder de Foucault não pode descrever as modificações psíquicas e topológicas que se realizaram com a mudança da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho. (Han, 2015, p.14)

Nesse cenário, o professor precisa adotar uma postura crítica em relação às ferramentas tecnológicas, questionando seu uso e seus impactos no processo educacional (Freire; Guimarães, 2013), para poder utilizar a tecnologia a seu favor sem medo, ainda que mantenha cuidados e certa desconfiança.

7 INTEGRAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA CRÍTICA DE FREIRE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DIGITAL

A pedagogia de Paulo Freire (1996), com seu viés na conscientização e na educação como prática de liberdade, nos traz um quadro teórico importante para enfrentar os desafios da educação digital. Integrar os princípios freirianos no contexto digital significa promover uma educação que vá além do ensino tecnicista, buscando desenvolver nos alunos a capacidade de pensar crítica e politicamente sobre o mundo e sua posição nele (Costa; Beviláqua; Fialho, 2020).

Entendemos por princípios freirianos na educação como sendo um conjunto de ideias e conceitos que norteiam uma educação progressista e libertadora, baseada no diálogo, na ação-reflexão (práxis), na contextualização, na autonomia e na busca por uma sociedade mais justa e humana (Freire, 1987).

O professor, nesse sentido, deve atuar como um facilitador do diálogo e da reflexão, incentivando os alunos a questionarem as informações que recebem e a construir seu próprio conhecimento de maneira autônoma e coletiva, principalmente respeitando os saberes e a liberdade dos educandos:

O cotidiano do professor na sala de aula e fora dela, da educação fundamental à pós-graduação. É explorado como numa codificação, enquanto espaço de reafirmação, negação, criação, resolução de saberes que constituem os “conteúdos obrigatórios à organização programática e o desenvolvimento da formação docente”. São conteúdos que, extrapolando os já cristalizados pela prática escolar, o educador progressista, principalmente, não pode prescindir para o exercício da pedagogia da autonomia aqui proposta. Uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando. (Freire, 1996, p.07)

No entanto, aplicar os princípios da pedagogia de Freire (1996) no ambiente digital não é uma tarefa simples. Freire faleceu em 1997, antes que as tecnologias digitais, especialmente a popularização da internet, se tornassem parte do cotidiano em nossa sociedade:

Essa práxis tecnológica aqui tratada, com base em pressupostos teórico-metodológicos esquematizados por Alencar (2005) a partir do legado de Paulo Freire, evidentemente, “não compõe um método a ser seguido à risca, como um manual ou uma receita” (Costa et al., 2020b, p. 62). Essa práxis é na melhor das hipóteses, um conjunto de aspectos a ser considerado por educadoras e educadores em suas realidades sociais, suas escolas, seus contextos de trabalho docente, não da mesma forma como fez Freire, pois isso já não é possível: as tecnologias que ele testemunhou e usou já não são mais as mesmas, assim como o cenário educacional brasileiro já não é o mesmo de décadas atrás (Costa et al. 2020b, p. 62). (Costa; Beviláqua; Fialho, 2020, p. 05)

Para aplicar os princípios freirianos, o professor precisa desenvolver uma compreensão crítica e reflexiva das ferramentas tecnológicas digitais (Costa; Beviláqua; Fialho, 2020). Também, é essencial que ele tenha a sensibilidade para identificar as barreiras

ras que essas tecnologias podem impor (Silva, 2023) e consiga contextualizar a teoria de Freire na realidade atual.

A educação freiriana no contexto digital deve, portanto, ser adaptada para garantir que a interação humana continue sendo o centro do processo educativo, mesmo em plataformas virtuais, reforçando sempre os saberes e autonomia dos educandos e dos próprios professores, produzindo assim o que Nóvoa (2022) define como “pedagogia do encontro”:

(...) a educação do ser humano é determinada por duas dimensões: ser livre e não estar só (Reboul, 1980, p. 113). É nesta tensão que se define uma pedagogia do encontro, no seu sentido mais amplo. Para a apresentar, e mostrar como os professores são centrais para a sua composição, deixamos seis apontamentos inacabados.

Primeiro. A pedagogia é sempre uma relação humana. Temos necessidade dos outros para nos educarmos. Os professores têm um papel fundamental na criação das melhores condições para que esta relação tenha lugar. O digital pode ser útil para manter os laços, mas nunca substituirá o encontro humano. Porque o sonho é um elemento central da educação, e as máquinas talvez possam pensar, e até sentir, mas nunca poderão sonhar. Mas também porque a educação implica um vínculo que transforma, ao mesmo tempo, alunos e professores. E, pela internet ou “à distância”, esta possibilidade fica diminuída. (Nóvoa, 2022, p. 48)

O uso crítico e criativo das tecnologias, aliado à promoção de uma cultura de diálogo e respeito mútuo, são caminhos para que a educação digital possa realmente contribuir para a emancipação dos sujeitos, conforme defendia Paulo Freire (1996).

8 ANÁLISE CRÍTICA DO PAPEL DO PROFESSOR NA ERA DIGITAL

A análise do papel do professor na era digital construída ao longo desse artigo revela um cenário de profundas transformações e desafios complexos, onde o educador é chamado a repensar sua prática e sua identidade profissional (Assis; Farbiarz, 2020). Ao longo do desenvolvimento do presente trabalho surgiram questões sobre a precarização do trabalho docente, as implicações éticas do uso de tecnologias na educação e a necessidade de uma abordagem crítica e reflexiva que permita integrar os princípios freirianos no contexto digital:

Com base em Costa et al. (2020b), o foco, então, é usar a tecnologia, e não ser usado ou manipulado docilmente como objeto por ela. Não que a tecnologia “tenha vida por si própria, mas ela pode ser usada para manipular e estar a serviço de uma concepção de mundo que não é emancipadora” (Alencar, 2005, p. 4). Não podemos ser objetos de comunicados ou consumidores ávidos de pacotes tecnológicos; Freire (1996, p. 139), referindo-se à TV1, insiste que “devemos usá-la, sobretudo, discuti-la”. Para deixar mais explícita essa discussão e tencionar o debate, é possível apropriar-se de algumas reflexões tecidas por Freire no conjunto de sua obra, principalmente em A Pedagogia da Indigna-

ção e em A máquina está a serviço de quem? (Costa; Beviláqua; Fialho, 2020, P.04)

Uma reflexão crítica sobre essa temática sugere que, apesar das inovações tecnológicas, a profissão de professor continua marcada por tensões antigas (Nóvoa, 2022), como a desvalorização do trabalho e a sobrecarga de responsabilidades (Freire; Guimarães, 2013). Embora as ferramentas digitais possam abrir novas possibilidades para o ensino e a organização do trabalho docente, elas também intensificam as pressões sobre os professores (Nóvoa, 2022). Esse cenário gera medo e exige uma constante adaptação e resiliência, dado o ritmo acelerado das transformações na sociedade moderna. Como Bauman ressalta em sua obra *Modernidade Líquida*, vivemos em um mundo marcado pela incerteza:

Pode-se sempre responder que não há nada particularmente novo nessa situação: a vida de trabalho sempre foi cheia de incertezas, desde tempos imemoriais. A incerteza de hoje, porém, é de um tipo inteiramente novo. Os temíveis desastres que podem devastar nossa sobrevivência e suas perspectivas não são do tipo que possa ser repellido ou contra que se possa lutar unindo forças, permanecendo unidos e com medidas debatidas, acordadas e postas em prática em conjunto. Os desastres mais terríveis acontecem hoje aleatoriamente, escolhendo suas vítimas com a lógica mais bizarra ou sem qualquer lógica, distribuindo seus golpes caprichosamente, de tal forma que não há como prever quem será condenado e quem será salvo. A incerteza do presente é uma poderosa força individualizadora. Ela divide em vez de unir, e como não há maneira de dizer quem acordará no próximo dia em qual divisão, a ideia de “interesse comum” fica cada vez mais nebulosa e perde todo valor prático. (Bauman, 2001, p.139)

Podemos entender ainda que a transição para o ensino e a prática docente na era digital não é um processo neutro (Freire, 1996) e que irá ocorrer de forma natural, mas que está relacionado a questões de poder (Han, 2015), controle e desigualdade, que devem ser levadas em consideração.

A educação sempre esteve à mercê do contexto histórico, da política adotada pelo governante da vez ou até mesmo pela influência religiosa em uma determinada época. Na atualidade, em um contexto de novas tecnologias (Tecnologias da Informação e Comunicação), é preciso discutir a finalidade educacional. Já que a neutralidade no que diz respeito à ação humana não existe, a prática educacional adotada em sala de aula, ao fazer uso das tecnologias, deve levar em conta a importância de promover o crescimento humano e a autonomia do aluno. Também deve resistir a uma política educacional que possa endossar a visão do determinismo tecnológico e submeter à escola aos interesses exclusivos do lucro e do mercado. Mais do que se adaptar a um mundo de tecnologias, é preciso agir diante desse mundo com consciência e reflexão, e não se sujeitar à explicação simplista de uma realidade que se deve aceitar como pronta e acabada. (Batista; Onófrio, 2020, p.05)

Portanto, os desafios enfrentados pelos professores na era digital trazem à tona a necessidade de uma prática pedagógica que seja ao mesmo tempo crítica e inovadora (Dantas; Rufino; Nakamoto, 2022). Para os educadores, isso significa adotar uma postura reflexiva diante das tecnologias (Freire, 1996), reconhecendo tanto seus potenciais quanto suas limitações. A prática docente deve incorporar a crítica ao uso indiscriminado de tecnologias, promovendo um ambiente de aprendizagem que valorize a interação humana, o pensamento crítico e a autonomia dos alunos (Sales; Gonzaga, 2018).

Do ponto de vista das políticas educacionais, é urgente a criação de programas de formação continuada que não se limitem ao treinamento técnico, mas que integrem também uma formação ética e crítica para os professores (Nóvoa, 2022).

As políticas educacionais devem focar em oferecer suporte adequado aos professores, “ambientes educativos coerentes” (Nóvoa, 2022), incluindo melhores condições de trabalho, infraestrutura tecnológica adequada e espaço para a reflexão e o desenvolvimento profissional contínuo, também é fundamental que as políticas educacionais reconheçam e valorizem o papel do professor como mediador do conhecimento e não apenas como executor de práticas padronizadas (Freire, 1996), conforme podemos observar nas colocações de Nóvoa em sua obra *Escola e Professores: Proteger, Transformar, Valorizar*:

Os professores e as escolas têm de possuir capacidade de iniciativa e flexibilidade. As estruturas uniformes e rígidas têm os seus dias contados. É preciso abertura para definir soluções diversas, diferentes projectos educativos, escolares e pedagógicos.

Os ambientes de aprendizagem. O mais importante é a construção de ambientes educativos coerentes, que permitam concretizar o que, há muito, dizemos que é preciso fazer: envolvimento e participação dos alunos, valorização do estudo e da pesquisa, aprendizagens cooperativas, currículo integrado e multitemático, diferenciação pedagógica, etc. Podemos estar a caminhar no sentido da desintegração da escola, de um cada vez maior consumismo na educação, e grande parte das respostas dadas à crise do COVID-19 reforçam esta tendência. Mas a metamorfose ainda é possível, como se percebe em muitas iniciativas tomadas por professores e por escolas, que foram capazes de reinventar a pedagogia e os ambientes de aprendizagem, reforçando as dimensões públicas e comuns da educação. (Nóvoa, 2022, p. 27)

A formação continuada dos professores, frente às demandas da atualidade, depende de uma estrutura institucional que ofereça suporte adequado. É essencial valorizar os profissionais da educação como protagonistas no processo de formação dos jovens em nossa sociedade.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo explora o papel do professor na era digital, destacando desafios e responsabilidades éticas emergentes. Discute-se a transformação da profissão docente frente às novas tecnologias, enfatizando a precarização do trabalho, exigências de atualização constante e pressões sobre a autonomia dos educadores. Analisa também desa-

fios éticos, como privacidade e equidade, propondo uma abordagem crítica baseada nos princípios de Paulo Freire, adaptados ao contexto digital.

Embora limitado pela abordagem teórica e qualitativa, o estudo oferece uma exploração abrangente dos conceitos. Reconhece-se que, diante das constantes mudanças tecnológicas, as discussões podem precisar ser revistas.

Este trabalho contribui ao abordar os desafios da era digital para o trabalho docente, sugerindo a integração dos princípios freirianos como resposta. A reflexão ética sobre o uso de tecnologias e a crítica à precarização do trabalho docente oferecem novas perspectivas para a prática educativa. O impacto potencial reside na ampliação do debate sobre políticas educacionais que valorizem o professor como profissional autônomo e essencial na construção de uma educação emancipadora.

A educação digital exige uma postura ética que vá além da adaptação tecnológica. É crucial que educadores mantenham uma perspectiva crítica sobre o uso das ferramentas e suas implicações. Os princípios de Paulo Freire, como educação como ato político, conscientização e prática da liberdade, oferecem um caminho para enfrentar os desafios do ensino digital. Uma postura dialógica e centrada na humanização pode transformar o ambiente digital em um espaço de emancipação, conduzido pela crítica, criatividade e colaboração, contribuindo para uma sociedade mais justa, onde a educação seja prática de liberdade.

REFERÊNCIAS

ASSIS, L. M. B.; FARBIARZ, A. **Práticas docentes e cotidianos escolares**: análise sobre os usos e não usos das mídias digitais. *Interfaces da Educ*, Paranaíba, v. 11, n. 32, p. 688-710, 2020.

BATISTA, Anderson Luiz; ONÓFRIO, Roberto Marcos Gomes de. **O uso de novas tecnologias na educação sob a ótica da pedagogia freireana**. *Eixo*, Brasília, v. 9, n. 2, p. 4-12, maio/ago. 2020. Disponível em:

<<https://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/eixo/article/view/838>>. Acesso em: 08 ago. 2024.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

BLIKSTEIN, P. **Viagens em Troia com Freire: a tecnologia como um agente de emancipação**. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 837-856, jul./set. 2016.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

COSTA, A. R.; BEVILÁQUA, A. F.; FIALHO, V. R. **A atualidade do pensamento de Paulo Freire sobre as tecnologias**: letramentos digitais e críticos. *Olhar de Professor*, Ponta Grossa, v. 23, p. 1-16, 2020. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsm.br/OlhardeProfessor/article/view/20920>>. Acesso em: 18 jul. 2024.

DANTAS, P. H. R. S.; RUFINO, H. L. P.; NAKAMOTO, P. T. **A educação midiática e a formação continuada docente**. *Revista Tecnologia e Sociedade*, Curitiba, v. 18, n. 54, p. 312-325, out./dez., 2022. Disponível em:

<<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/15010>>. Acesso em: 18 jul. 2024.

DINIZ, J. R.; FRANÇA, R. S. **Tecnologias a serviço de quem? Um diálogo entre Álvaro Vieira Pinto, Evgeny Morozov, Paulo Freire e Sérgio Guimarães sobre capitalismo de vigilância na educação**. Texto Livre, Belo Horizonte, v. 16, e42201, 2023.

DUARTE, Bruna da Silva. **Ética e docência numa educação libertadora na perspectiva de Paulo Freire**. 2019. 112 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

DUQUE, Rita De Cássia Soares et all. **Educação Em Um Mundo Digital: Explorando A Filosofia De Paulo Freire Na Era Da Informação**. IOSR Journal of Business and Management (IOSR-JBM), [S.l.], v. 25, n. 9, p. 45-60, set. 2023. DOI: 10.9790/487X-2509024560. Disponível em: <www.iosrjournals.org>. Acesso em: 18 jul. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOMES, Marcio Fernando. **Paulo Freire e tecnologias digitais: revisão sistemática de literatura no portal de periódicos da CAPES (1995-2022)**. In: Anais do Congresso Internacional ABED de Educação a Distância. 2023.

MALAGGI, Vitor; DA SILVA, Juliano Tonezer; TEIXEIRA, Adriano Canabarro. **“O senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda”**: notas freirianas sobre a relação educador-educando no ensino-aprendizagem on-line. Revista Linhas. Florianópolis, v. 19, n. 41, p. 182-212, set./dez. 2018.

NÓVOA, António. **Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar**. Salvador: Instituto Anísio Teixeira, 2022.

OLIVEIRA, A. A. de; SILVA, Y. F. de O. e. **Mediação pedagógica e tecnológica: conceitos e reflexões sobre o ensino na cultura digital**. Educação em Questão, Natal, v. 60, n. 64, p. 1-25, e-28275, abr./jun. 2022.

SALES, Gabriela Camargos; GONZAGA, Edson Pereira. **Alfabetização digital para utilização de ferramentas digitais básicas**. In: Seminário de Iniciação Científica do Litoral Norte, 8., 2018. Anais [...]. São Paulo: Centro Universitário Módulo, 2018. p. 1-16.

SILVA, Rodrigo da Luz. **Dimensões científico-tecnológicas e socioambientais em Paulo Freire: a constituição de uma interface humanizadora entre a educação ambiental e a educação CTSA**. 2023. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

SOFFNER, R. **Tecnologia e Educação: um diálogo Freire – Papert**. Tópicos Educacionais, Recife, v. 19, n. 1, p. 147-162, jan./jun. 2013.

SORTE, P. B.; VICENTINI, C. **Educando para a justiça social na era pós-digital**. Revista Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 16, n. 39, p. 199-216, jan./jun. 2020.

VIEIRA, M. F. **Pedagogia de Paulo Freire e Tecnologias Digitais na Educação: uma construção possível**. Tecnologias, sociedade e conhecimento, v. 8, n. 2, dez. 2021.